

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Carta de Flávio aos EUA assusta

Depois de se ver obrigado a tentar contornar os problemas com o eleitorado feminino, causados por sua briga com Michelle Bolsonaro, o candidato do PL à Presidência da República, senador Flávio Bolsonaro (RJ), agora terá que driblar insatisfações em outro grupo fundamental para sua campanha eleitoral, a chamada Faria Lima. Motivo: a carta que enviou na quarta-feira 02 ao Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR, na sigla em inglês).

No documento ele pediu o adiamento do tarifaço dos EUA contra o Brasil e – para atizar o desejo de Donald Trump de dominação sobre a América Latina – sugeriu que está disposto a colocar um fim no Mercosul.

Flávio Bolsonaro oferece ainda vantagens comerciais aos EUA, como a eliminação de tarifas para o etanol e a redução da carga tributária de empresas de cartão de crédito. E propõe um “compromisso legislativo”, ou seja, uma lei brasileira, determinando que o Pix não será conectado a arranjos “não ocidentais” — numa referência à China.

Essa limitação ao pix tende a desagradar a toda cadeia de comércio voltada para o mercado interno agora, e para o futuro do mercado externo, na medida em que se abram novas fronteiras para os produtos brasileiros.

Também a sugestão de acabar com o Mercosul é hoje assustadora para diversos setores da economia.

A Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo), por exemplo, que já foi contrária ao acordo comercial com os países latino-americanos, recebeu com entusiasmo o acordo de livre-comércio do bloco latino com os europeus.

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista e escritor

Ciro Gomes visto e desconhecido

Um dos mais conhecidos políticos em atividade no Brasil é o candidato a governador do Ceará, o ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Outra marca é, mesmo com coragem e franqueza, usar demais a sua “metralhadora giratória” atacando a torto e a direito, o que gera rejeições obviamente. E, por fim, não se assume de centro ou centro-direita, que é o perfil do ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Outra marca é, mesmo com coragem e franqueza, usar demais a sua “metralhadora giratória” atacando a torto e a direito, o que gera rejeições obviamente. E, por fim, não se assume de centro ou centro-direita, que é o perfil do ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Outra marca é, mesmo com coragem e franqueza, usar demais a sua “metralhadora giratória” atacando a torto e a direito, o que gera rejeições obviamente. E, por fim, não se assume de centro ou centro-direita, que é o perfil do ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Embora reconheça que o tratado não seja perfeito, a entidade avalia que ele é um marco para ampliar a segurança jurídica, facilitar o comércio de serviços e integrar o Brasil nas cadeias globais de valor.

O agronegócio brasileiro, então, vê os acordos do Mercosul com a Europa e os países asiáticos como decisivos para aumentar a comercialização dos nossos produtos do campo. As empresas de mineração, idem.

Para esses setores, o comércio com os EUA é importante, mas a diversificação voltada para a Ásia e a Europa, juntas, hoje é considerada essencial, indispensável.

A carta de Flávio Bolsonaro é quase assustadora quando vista como uma espécie de programa de governo, ao acenar com um foco absoluto na relação com os norte-americanos. Seria uma volta ao passado na política comercial internacional do Brasil.

Para piorar, Flávio pede na carta não o fim, mas apenas o adiamento do tarifaço contra o Brasil para depois das eleições (180 a 270 dias), e propõe o retorno “automático” das tarifas caso o atual governo brasileiro não se engaje, de boa-fé, nas negociações. “O governo atual teria esse período para se engajar em negociações de boa-fé, sem a perspectiva de dividendos eleitorais, ou enfrentaria as consequências da retomada dessas ações”, disse, acrescentando:

“No caso de uma vitória da oposição, o presidente eleito nomearia imediatamente um negociador para conduzir as negociações adiante, também de boa-fé” com os EUA.

Assim como teve que se explicar e até pedir desculpas públicas à Michelle Bolsonaro, muito provavelmente Flávio precisará gastar saliva junto ao empresariado para convencer de que a carta é apenas um texto de campanha e não um presságio sobre o que seria seu governo.

ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Outra marca é, mesmo com coragem e franqueza, usar demais a sua “metralhadora giratória” atacando a torto e a direito, o que gera rejeições obviamente. E, por fim, não se assume de centro ou centro-direita, que é o perfil do ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Realmente a redemocratização não abriu para talentos, gente preparada e equilibrada, de espírito público, seja de direita, esquerda ou centro-democrático, que parece ser a cabeça da sociedade brasileira.

Que o exemplo de Ciro estimule novas gerações, como o pessoal do Novo, a fazer política como deve. Vivemos tempos que nem um político mineiro como Zema conhece a arte que fez o estado dominar o cenário nacional tanto tempo, diretamente ou através das grandes cabeças do parlamento.

EDITORIAL

O preço da negligência

A operação realizada pelo Governo de São Paulo para fiscalizar pontos de prática de rope jump e bungee jump representa um passo importante para ampliar a segurança em atividades de aventura. O problema é que, mais uma vez, a mobilização veio depois que uma tragédia chocou o Estado.

A morte da jovem de 21 anos durante um salto na Ponte do Esqueleto, em Limeira, revelou falhas que vão muito além de um acidente. As investigações apontam para possível negligência na organização da atividade, ausência de equipamentos essenciais e descumprimento de procedimentos básicos de segurança. O episódio evidenciou um cenário que, embora conhecido, permanecia distante da fiscalização efetiva.

Esportes de aventura fazem parte da realidade de milhares de pessoas e não devem ser tratados como inimigos. O risco é inerente a muitas modalidades, mas isso não significa que possa ser ampliado pela irresponsabilidade. Empresas que oferecem esse tipo de experiência têm o dever de seguir protocolos rigorosos, utilizar equipamentos certificados e orientar adequadamente seus clientes. Da mesma forma, quem decide praticar atividades de alto risco deve verificar a idoneidade da empresa e as condições de segurança antes do salto.

Cabe ao poder público exercer seu papel fiscalizador. Ainda que o rope jump não possua regulamentação específica no Brasil, isso não impede a atuação preventiva dos órgãos responsáveis. Ao contrário: a ausência de regras claras torna ainda mais necessária uma fiscalização constante para identificar irregularidades e evitar novas tragédias.

A força-tarefa demonstra que há capacidade de atuação integrada entre Polícia Militar, Procon, Defesa Civil e prefeituras. O ideal, porém, é que esse trabalho não seja apenas uma resposta ao caso de Limeira, mas se transforme em política permanente de prevenção.

Infelizmente, o Brasil ainda convive com uma cultura em que grandes acidentes costumam anteceder mudanças. Primeiro vem a tragédia; depois surgem as operações e as promessas de fiscalização. O correto seria justamente o contrário. Fiscalizar antes, exigir responsabilidade e agir preventivamente são atitudes que salvam vidas.

Que a morte da jovem em Limeira não seja lembrada apenas como mais um episódio lamentável, mas como o marco de uma mudança definitiva. Em atividades de risco, prevenção nunca deve ser consequência. Deve ser prioridade.

OPINIÃO DO LEITOR

Respeito mundial

Com a eliminação da Alemanha, o Brasil segue como o maior campeão das Copas. A coroa está segura! O topo segue verde e amarelo! Vamos que vamos Brasil, ao hexa campeão!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal